



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

REENCANTAR O COTIDIANO: A Ludicidade como Caminho na Formação de Adultos

TAÍSA SANTOS SACRAMENTO¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

LUANA SENA DA SILVA²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

AILLA COSTA SANTOS³

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a ludicidade como dimensão formativa e transformadora na vida adulta, deslocando-a do senso comum que a restringe à infância para afirmá-la como linguagem potente de escuta, criação e subjetivação. Com base em um percurso teórico que dialoga com autores da educação, da filosofia e da psicologia, bem como na experiência de uma proposta metodológica de oficinas lúdicas com adultos, a pesquisa investiga de que modo o que é lúdico, muitas vezes invisibilizado ou deslegitimado na idade adulta, pode reencantar o cotidiano, provocar experiências estéticas e afetivas, e abrir brechas no tecido do vivido para a reinvenção de si. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que compreende a cultura lúdica como um campo educativo e sensível, no qual a ludicidade não é apenas um recurso didático, mas uma prática de liberdade e uma aposta ética na potência criativa dos sujeitos. Os resultados apontam para a ludicidade como via de resistência aos dispositivos normativos que aprisionam o corpo e a linguagem, evidenciando sua capacidade de produzir deslocamentos, despertar memórias, sustentar vínculos e favorecer processos formativos pautados na singularidade e no desejo.

Palavras-chave: Formação de adultos. Ludicidade. Oficinas lúdicas.

1. Introdução

A ludicidade, embora associada comumente à infância, atravessa toda a vida humana como uma forma de expressão, linguagem e reinvenção. Na vida adulta, entretanto, o brincar é frequentemente silenciado em nome da produtividade, do controle e da racionalidade. Este texto parte da pergunta: é possível reencantar o cotidiano por meio do lúdico na vida adulta? A proposta é pensar a ludicidade como experiência estética, formativa e subjetiva, especialmente

¹ Mestranda em educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação- PPGEd na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, graduada em Pedagogia, pela mesma universidade, bolsista CAPES. E-mail: taisasantossacramento@gmail.com

² Mestranda em educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação- PPGEd na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, graduada em Pedagogia, pela mesma universidade, bolsista CAPES. E-mail: luanasenna013@gmail.com

³ Mestranda em educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação- PPGEd na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, graduada em Pedagogia, pela mesma universidade, bolsista CAPES. E-mail: aillacosta24@gmail.com



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

em contextos educativos e sociais que acolhem adultos em situações de formação, no caso deste estudo, com professores dos anos iniciais.

O desenvolvimento deste texto emerge da necessidade de problematizar a ausência da ludicidade nos processos formativos dirigidos às pessoas adultas, sobretudo em contextos educativos que buscam formar sujeitos sensíveis, criativos e empáticos. Ao longo das práticas observadas em diversos espaços educativos, nota-se que o brincar é frequentemente restrito ao universo infantil, enquanto aos adultos é reservado um lugar de racionalidade, seriedade e distanciamento das linguagens do corpo e da expressão lúdica.

No contexto do GEPELINF (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Ludicidade e Infância), temos buscado compreender e fortalecer as possibilidades do lúdico como linguagem formativa, também no âmbito da vida adulta. A proposta deste trabalho está alinhada com essa perspectiva, ao reconhecer a ludicidade como espaço de escuta, subjetivação e ressignificação de experiências. Justifica-se, portanto, a construção deste texto como uma tentativa de ampliar o debate sobre a cultura lúdica como dimensão vital da existência humana, inclusive e especialmente na formação de educadores. Trata-se de um convite à revisitação dos nossos modos de viver, aprender e ensinar, por meio de experiências que favoreçam o reencantamento do cotidiano.

Este estudo tem natureza qualitativa, com inspiração na pesquisa-formação e na pesquisa-intervenção. Foi realizada uma oficina com professores em formação, cujo objetivo era apresentar e discutir propostas lúdicas para o trabalho com crianças. Contudo, a metodologia da oficina foi desenhada de forma que os próprios professores experimentassem as atividades lúdicas de maneira sensível e participativa, vivenciando o brincar antes de levá-lo para seus contextos pedagógicos. A oficina incluiu jogos cooperativos, dinâmicas de grupo, contos, brincadeiras e momentos de reflexão. Os dados foram registrados por meio de diário de campo, imagens e anotações das falas e expressões dos participantes.

2. Resultados e discussões

Diante do exposto, torna-se necessário repensar o significado da ludicidade. Embora o termo tenha origem no latim *ludus*, que remete ao ato de brincar ou jogar, neste trabalho, adota-se a concepção proposta por Luckesi (2014), que compreende a ludicidade como qualquer ação



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

humana vivida com inteireza e plenitude. Trata-se de uma experiência subjetiva, que varia conforme as trajetórias pessoais e os contextos socioculturais de cada indivíduo. Esse estado de presença e envolvimento pode ser despertado por práticas lúdicas que vão além dos jogos em si, funcionando como uma “ponte entre a realidade interior e a realidade exterior” (Luckesi, 2023, p. 10). Ainda que amplamente reconhecida como essencial na Educação Infantil e ensino fundamental, a ludicidade raramente é valorizada na vida adulta, sendo frequentemente relegada a um lugar de inutilidade ou desvio. Persiste um tabu cultural que associa o ato de brincar à imaturidade, à improdutividade ou até mesmo à fuga da “seriedade” exigida pelas funções sociais e profissionais. Tal perspectiva limita profundamente a compreensão do lúdico como linguagem formativa, capaz de gerar sentidos, experiências e reconfigurações subjetivas ao longo de toda a vida.

No entanto, autores como Kishimoto (2007) e Antunes (2003) vêm reforçando, em suas obras, que o lúdico é um meio potente de aprendizagens profundas e significativas, indo além de uma mera estratégia didática. O brincar, quando compreendido em sua complexidade, pode ser um caminho para a ressignificação de saberes, a construção de vínculos afetivos e a abertura a outras formas de conhecer o mundo. Não se trata apenas de jogar ou entreter, mas de entrar em um campo simbólico em que se pode experimentar, imaginar e elaborar sentidos de forma singular e coletiva.

Winnicott (1975), por sua vez, oferece uma contribuição fundamental ao reconhecer o brincar como uma experiência fundante do sujeito. Para o autor, é no espaço potencial do brincar que o indivíduo encontra liberdade para ser criativo, expressar sentimentos e construir sua saúde psíquica. É através do brincar que se constitui um “espaço transicional” entre o mundo interno e o externo, permitindo que o sujeito articule sua realidade emocional com os desafios do mundo. Assim, impedir o adulto de brincar é, de certa forma, interditar uma dimensão essencial de sua existência: aquela que permite elaborar conflitos, imaginar futuros e construir relações de cuidado consigo e com o outro.

Portanto, resgatar a ludicidade como prática legítima na formação de adultos é um gesto político e pedagógico de resistência às lógicas que fragmentam o ser humano. É uma aposta na sensibilidade como ferramenta formativa, na imaginação como recurso epistemológico e no



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

afeto como força criadora. Ao reconhecer o brincar como linguagem viva, resgata-se não apenas uma prática, mas a possibilidade de reinventar modos de ser e estar no mundo.

Inspirando-se em Larrosa (2002), compreende-se a experiência como aquilo que nos toca, nos atravessa e nos transforma, não apenas como algo que acontece conosco, mas como algo que nos modifica no mais íntimo da existência. No mesmo sentido, Benjamin (1987) denuncia a “pobreza de experiência” que assola o mundo moderno, caracterizado por uma lógica repetitiva, automatizada e superficial, que empobrece a relação dos sujeitos com o tempo, com o outro e consigo mesmos. Neste cenário, o brincar, quando resgatado em sua dimensão simbólica, afetiva e criadora, emerge como uma poderosa forma de resistência ao esvaziamento do cotidiano.

A ludicidade, portanto, pode operar como uma linguagem de suspensão do tempo cronológico e produtivo, abrindo brechas para a escuta sensível, a memória afetiva e a reinvenção de si. No entanto, o que se observou durante as oficinas foi que muitos adultos já se encontram profundamente atravessados por processos históricos de silenciamento e repressão simbólica que tornaram o brincar um território interdito. Muitos professores em formação demonstraram resistência ao se engajar em atividades lúdicas, como a dinâmica do barbante, o desenho de memórias da infância ou a pintura da "cultivando saberes", atividades essas pensadas para convocar o corpo, o afeto e a recordação.

Houve quem se negasse a desenhar, a pintar ou até mesmo a permanecer até o encerramento da atividade proposta. Tais resistências, à primeira vista interpretadas como simples desinteresse ou desmotivação, revelam, na verdade, os efeitos de um processo mais profundo de subjetivação, enraizado na negação histórica e cultural do sensível como um espaço legítimo de aprendizagem, expressão e elaboração subjetiva. Não se trata apenas de uma escolha individual, mas da manifestação concreta de uma formação marcada por dispositivos que operam o silenciamento do corpo criador e imaginativo.

Segundo Foucault (1979), os mecanismos de poder não atuam apenas por meio da repressão explícita, mas se inscrevem nos corpos, nos discursos e nas práticas cotidianas de forma difusa, muitas vezes invisível. Esses mecanismos produzem sujeitos ajustados às normas, interditam práticas desviantes e estabelecem padrões do que é considerado válido, eficiente e aceitável. No caso da educação, especialmente da formação de adultos, observa-se



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

a hegemonia de uma racionalidade técnico-instrumental que desautoriza experiências que envolvam afeto, imaginação, sensorialidade e subjetividade. O corpo que brinca, sente, dança, pinta ou se expressa de forma não verbal é, nesse cenário, deslocado para as margens daquilo que se entende como formação "séria" e "produtiva".

Assim, o silenciamento do corpo brincante e criador na idade adulta pode ser compreendido como efeito de um biopoder que atua sobre a vida, regulando os modos de ser, agir e sentir. O brincar, com sua dimensão livre, criativa e descontrolada, escapa à lógica do controle e da produtividade e, por isso mesmo, é recorrentemente desautorizado nos processos formativos. A ausência de permissão para se afetar, para recordar, para se emocionar e criar, evidencia o quanto o percurso educativo de muitos sujeitos se deu sob o signo da contenção e da funcionalidade, inibindo possibilidades de uma formação integral.

Quando o corpo é convocado a sair do “script” da racionalidade, a acessar camadas mais profundas da memória, do desejo e da expressão, ele frequentemente reage com estranhamento, insegurança, vergonha ou recusa. Esse movimento de resistência, longe de ser um obstáculo, revela-se como um dado fundamental para análise, pois aponta as fissuras de um modelo formativo que desconsidera o sensível. No entanto, é justamente nesse deslocamento, entre a recusa inicial e a possibilidade de entrega, que reside a potência transformadora do lúdico. Ao desafiar o habitual, o brincar abre brechas no modo como os sujeitos habitam o tempo, a escola e a si mesmos. Ele convida à reinvenção, à escuta do corpo, à ressignificação da experiência.

A seguir, serão apresentados registros fotográficos de algumas das atividades desenvolvidas durante as oficinas, todas **autorizadas pela** coordenação da formação. Mais do que meras ilustrações, essas imagens compõem um campo sensível de análise, permitindo vislumbrar os gestos, expressões e afetos que emergiram ao longo das vivências. Elas dão visibilidade à proposta metodológica adotada, mas também às reações provocadas nos participantes, reações que traduzem, em sua diversidade, o impacto de um trabalho que reconhece o sensível como linguagem legítima de formação. Reintegrar o lúdico aos processos educativos é, portanto, não apenas um exercício estético, mas também ético e político: trata-se de reabrir caminhos para a escuta de si, para o cuidado do outro e para a construção de uma pedagogia verdadeiramente humanizadora.



III SEMPED

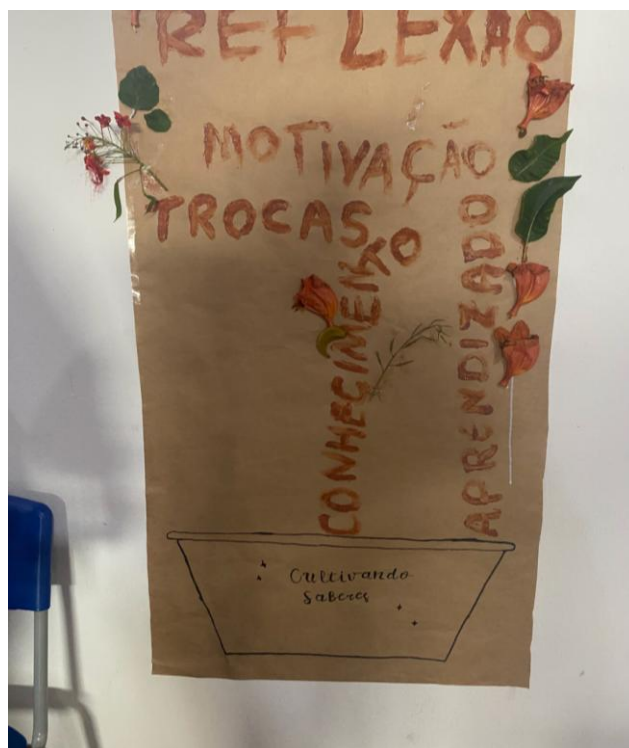
FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Figura 1 - “Cultivando saberes”.



Fonte: Arquivos das pesquisadoras/ 2025.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Figura 2: professores explorando elementos lúdicos



Fonte: Arquivos das pesquisadoras/ 2025- (imagem autorizada)

Figura 3: Professoras desenvolvendo uma atividade da oficina



Fonte: Arquivo das pesquisadoras/ 2025- (imagem autorizada)



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

A experiência vivida durante a formação revelou com intensidade que o brincar, mesmo em espaços acadêmicos e voltados ao aprimoramento profissional, possui uma potência que extrapola os limites da técnica pedagógica tradicional. Longe de ser um mero recurso didático, o brincar se revelou como uma prática viva, orgânica, atravessada por afetos, histórias e subjetividades. Ele atua como um verdadeiro catalisador de emoções e sentidos, evocando memórias adormecidas, despertando sensações corporais e simbólicas, e abrindo caminhos fecundos para o autoconhecimento e para uma escuta mais sensível e acolhedora do outro.

Trata-se de um movimento de deslocamento e desconstrução: ao brincar, o sujeito é retirado, ainda que momentaneamente, da lógica racional-instrumental que predomina nas práticas formativas e é convidado a habitar o tempo presente com outras disposições internas, mais abertas, intuitivas, afetivas e sensíveis. Nesse espaço-tempo da ludicidade, há uma suspensão das urgências produtivistas e um convite à presença, à experimentação e ao encontro verdadeiro consigo e com o mundo.

Como afirma Jorge Larrosa (2002), a experiência autêntica é aquela que nos atravessa, que deixa marcas e que tem o poder de nos transformar profundamente. Ela não se resume à aquisição de conteúdo ou ao cumprimento de tarefas, mas implica uma vivência que nos toca, nos move e nos desestabiliza. Nessa perspectiva, o brincar se apresenta como uma possibilidade de experiência verdadeira, pois não apenas envolve o sujeito cognitivamente, mas também o mobiliza emocional e existencialmente.

Dessa forma, a ludicidade emerge como um modo de ser e de estar no mundo, uma linguagem formativa que resgata o sensível, o poético e o simbólico no processo educativo. Ao brincar, o educador em formação não apenas transmite ou absorve conhecimentos: ele sente, se envolve, se implica e se reinscreve em sua própria história, criando brechas para a reinvenção de si e do outro. O brincar, nesse contexto, não é fuga da realidade, mas mergulho nela por outras vias, mais humanas, criativas e afetivas.

Assim, a formação docente mediada pela ludicidade ultrapassa os moldes tradicionais de apropriação de métodos e técnicas. Ela provoca deslocamentos, instabiliza certezas enrijecidas, reencanta o cotidiano e convida à escuta profunda. Ao reconhecer o afeto, a imaginação e a sensibilidade como fundamentos essenciais do ensinar e do aprender, essa abordagem formativa afirma o potencial transformador da educação que aposta no humano em



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

sua inteireza, corpo, pensamento, emoção e espírito.

Em tempos de pressa e performatividade, reafirmar o lugar do lúdico na formação de educadores é também um gesto político, que se insurge contra a desumanização dos processos pedagógicos. É um chamado à delicadeza, à criação e à possibilidade de formar-se como sujeito ético, sensível e em constante movimento de reinvenção.

Considerações Finais

A oficina proporcionou um espaço potente de reflexão crítica e vivência sensível, permitindo problematizar a ausência da ludicidade nos processos formativos voltados à educação de adultos, especialmente na formação de professores. Historicamente, a formação docente tem se pautado por abordagens técnico-instrumentais, muitas vezes descoladas da dimensão afetiva, sensível e criativa do ser humano. Nesse contexto, o brincar aparece como uma linguagem esquecida, relegada à infância, quando, na verdade, carrega em si uma força transformadora e profundamente humanizadora.

Ao propor práticas lúdicas com adultos, a oficina revelou o brincar como um ato de resistência frente à rigidez, ao automatismo e à desumanização que marcam boa parte dos percursos formativos tradicionais. Resgatar a ludicidade é reaproximar-se da própria condição humana, marcada pela imaginação, pelo desejo de criar e pela necessidade de se expressar em liberdade. Brincar com adultos, portanto, não é um retorno à infância, mas uma ampliação de possibilidades para o presente, uma abertura para o inesperado, para o riso, para o encontro genuíno com o outro e consigo mesmo.

A cultura lúdica, quando acessada de forma sensível, ética e respeitosa, torna-se uma ferramenta de escuta profunda, de cuidado e de cura. Ela permite que os sujeitos se reconectem com aspectos esquecidos de sua subjetividade e fortalece os vínculos afetivos nos espaços educativos. Além disso, a ludicidade potencializa a empatia, amplia a capacidade criativa e promove a construção coletiva de saberes, rompendo com hierarquias rígidas e criando condições para um aprendizado mais horizontal e significativo.

Nesse sentido, reencantar o cotidiano da formação docente por meio do lúdico não é apenas um gesto estético, mas também ético e político. É afirmar que a educação de adultos pode e deve ser permeada por afetos, imaginação e beleza. Escolher caminhos formativos que



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

valorizem o brincar é optar por uma pedagogia da vida, que reconhece o educador como um sujeito em constante processo de reinvenção. É apostar na potência do humano em sua totalidade, corpo, mente, emoções e espírito, e no poder do reencantamento como força transformadora da prática educativa.

Referências

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das inteligências múltiplas**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras escolhidas, v. 1).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 2007.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.

LUCKESI, Cipriano. **Ludicidade e formação do educador**. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13 - 23, jul./dez. 2014.

LUCKESI, Cipriano. **Ludicidade e atividades lúdicas**. 2023. Disponível em: [LUDICIDADE E ATIVIDADES LÚDICAS Uma Abordagem A Partir Da Experiência Interna. Cipriano Carlos Luckesi 1 | PDF](#) Acesso em: 18/07/2025.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 1975.